

Jaldemir Vitório
Jean Richard Lopes
Zuleica Aparecida Silvano
(ORGS.)

LIVRO DE JOSUÉ

“NÓS SERVIREMOS AO SENHOR”



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Livro de Josué: “Nós serviremos ao Senhor” / organizado por Jaldemir Vitório, Jean Richard Lopes, Zuleica Aparecida Silvano. – São Paulo : Paulinas, 2022.

304 p. (Palavra viva)

ISBN 978-65-5808-152-4

1. Bíblia. A.T. Josué 2. Bíblia – Exegese I. Vitório, Jaldemir II. Lopes, Jean Richard III. Silvano, Zuleica Aparecida IV. Série

22-1495

CDD 222.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia. A.T. Josué 222.2

1ª edição – 2022

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editora responsável: *Fabiola Medeiros de Araújo*
Copidesque: *Ana Cecília Mari*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*
Capa e diagramação: *Tiago Filu*
Foto de capa: *Ruínas de Mesquita em Jericó (arquivo pessoal)*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2022

SUMÁRIO

| | |
|--------------------|---|
| APRESENTAÇÃO | 9 |
|--------------------|---|

Parte I

INTRODUÇÃO GERAL

Capítulo 1

| | |
|--|----|
| O PROBLEMA DAS ORIGENS DE ISRAEL E O LIVRO DE JOSUÉ..... | 15 |
|--|----|

Airton José da Silva

| | |
|---|----|
| 1. Quatro propostas para explicar as origens de Israel..... | 16 |
| 2. A crise da Idade do Bronze Recente e o fenômeno dos “povos do mar” | 21 |
| 3. O caos da Palestina na época do surgimento de Israel..... | 25 |
| 4. Uma sociedade baseada na solidariedade do parentesco | 27 |
| 5. Dois cenários possíveis para o Livro de Josué | 29 |
| Conclusão..... | 39 |

Capítulo 2

| | |
|--|----|
| NARRAÇÃO COMO CATEQUESE: AS HISTÓRIAS DA BÍBLIA..... | 41 |
|--|----|

Jaldemir Vítório

| | |
|---|----|
| 1. A leitura da Bíblia em busca da história | 43 |
| 2. A Bíblia: uma literatura sagrada com rosto humano | 45 |
| 3. As “histórias” bíblicas como narrativas peculiares | 49 |
| 4. A identificação dos narradores bíblicos: o que realmente interessa | 55 |
| 5. A narração como arte de criação..... | 58 |
| 6. A competência para a leitura-interpretação | 61 |
| 7. A inter-relação construtiva do(a) leitor(a)-ouvinte real com o texto | 63 |
| 8. Dois <i>flashes</i> da narratividade do Livro de Josué..... | 65 |
| Conclusão..... | 73 |

Capítulo 3

LIVRO DE JOSUÉ: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

E CHAVES DE LEITURA 75

Jacir de Freitas Faria

1. A autoria e datação do Livro de Josué..... 76

2. Josué: o personagem que dá nome ao livro 79

3. Josué e sua relação com Moisés e Jesus 80

4. A estrutura do Livro de Josué 83

5. Chaves de leituras para compreender o Livro de Josué 85

Conclusão..... 89

Parte II

QUESTÕES TEOLÓGICAS

Capítulo 4

“DEUS COMBATIA POR ISRAEL” (Js 10,14):

OS RELATOS DE CONQUISTA NO LIVRO DE JOSUÉ..... 93

Jean Richard Lopes

1. Pressupostos hermenêuticos 94

2. Fontes literárias e teológicas 101

3. A guerra e a violência no Livro de Josué 116

Conclusão..... 121

Capítulo 5

A TERRA QUE O SENHOR DEU: ISRAEL ENTRE A CONQUISTA

E A RESTAURAÇÃO DO DOM DE DEUS 123

Márcio Bezerra e Marcus Mareano

1. A compreensão deuteronomista da terra..... 124

2. Entrada, conquista e descanso na terra que o Senhor deu 133

3. A teologia da terra: uma catequese para tempos de ameaça? 143

4. Uma releitura neotestamentária..... 147

Conclusão..... 149

Capítulo 6

| | |
|---|-----|
| TRIBO DE ISRAEL E O POVO DE ISRAEL..... | 151 |
|---|-----|

Márcia Eloí Rodrigues

| | |
|---|-----|
| 1. Credo, identidade e teologia deuteronomista | 152 |
| 2. O contexto do exílio e o “povo de Israel” no Livro de Josué..... | 156 |
| 3. As tribos de Israel e a partilha da terra | 160 |
| Conclusão..... | 165 |

Capítulo 7

| | |
|---|-----|
| TEOLOGIA DA RETRIBUIÇÃO E DA ALIANÇA EM JOSUÉ | 169 |
|---|-----|

Jacil Rodrigues de Brito

| | |
|---|-----|
| 1. Raízes da retribuição divina no Pentateuco | 170 |
| 2. Abraão, Isaac e Jacó e as promessas divinas | 173 |
| 3. Egito: o peso da escravidão e a lembrança da terra de Canaã como terra da promessa..... | 178 |
| 4. Libertação (êxodo), dom da Torá e marcha para a terra de Canaã..... | 178 |
| 5. Do Egito à terra da promessa..... | 180 |
| 6. De Moisés a Josué..... | 181 |
| 7. A retribuição divina e a terra da promessa..... | 184 |
| 8. Entrada na terra: conquista, divisão e posse | 186 |
| 9. Raab e Acã: Aliança e retribuição | 189 |
| 10. A esperança messiânica: de Josué a Jesus | 190 |

Parte III

EXEGESE DE TEXTOS

Capítulo 8

| | |
|--------------------|-----|
| RAAB, A LARGA..... | 195 |
|--------------------|-----|

Rita Maria Gomes

| | |
|---|-----|
| 1. Raab, em sua etimologia..... | 196 |
| 2. Análise do texto de Js 2 e 6,17.22-25..... | 197 |
| 3. Raab na tradição judaica..... | 208 |
| 4. Raab no Novo Testamento..... | 212 |
| Conclusão..... | 215 |

Capítulo 9

| | |
|--|-----|
| AS MURALHAS DE JERICÓ: Js 5,13–6,27 | 217 |
| <i>Zuleica Aparecida Silvano</i> | |
| 1. Delimitação de Js 6 | 219 |
| 2. Tradução literal de Js 6,1-16 | 220 |
| 3. A ordem dada a Josué e sua execução | 222 |
| 4. Tradução de Js 6,17-27 | 230 |
| 5. Jericó será consagrada a YHWH e Raab viverá | 232 |
| Conclusão..... | 239 |

Capítulo 10

| | |
|--|-----|
| AMAR É COMPROMETER-SE: ENSAIO EXEGÉTICO DE Js 23–24..... | 241 |
| <i>Carlos André da Cruz Leandro</i> | |
| 1. Tradução de Js 23–24..... | 245 |
| 2. O contexto literário de Js 23–24 | 250 |
| 3. Análise literária de Js 23,1-16 | 254 |
| 4. Análise literária de Js 24,1-33..... | 264 |
| Conclusão..... | 277 |
| REFERÊNCIAS | 281 |
| ÍNDICE ONOMÁSTICO..... | 295 |

APRESENTAÇÃO

O Livro de Josué compõe um imenso quebra-cabeça histórico, parte do que se convencionou chamar Historiografia Deuteronomista, que segue até o Segundo Livro dos Reis, tendo o Livro do Deuterônomo como grande portal. Esse bloco literário corresponde a uma longa teologia narrativa, cuja finalidade primeira consistiu em oferecer aos judeus exilados na Babilônia (séc. VI a.C.) uma pista para compreender o porquê daquela tragédia. A explicação apressada falava de YHWH derrotado pela divindade principal do panteão babilônico, o deus Marduk. Um teólogo deuteronomista ou uma escola teológica, tendo como ponto de partida a Teologia da Aliança, que previa bênção para quem fosse fiel a YHWH e castigo para a desobediência, deu-se ao trabalho de fazer uma minuciosa releitura da história, servindo-se das memórias que tinha à disposição, para identificar, na desobediência de Israel, o motivo verdadeiro do exílio.

O período histórico abarcado pelo Livro de Josué corresponde ao primeiro passo da catequese histórica deuteronomista. A situação inicial apresenta Israel liderado por um guia extremamente fiel a YHWH, Josué, indo à frente de um povo que se deixa conduzir com docilidade. O resultado da obediência aos mandamentos e decretos de YHWH torna-se patente nas contínuas vitórias de Israel sobre os cananeus, na tomada da terra e na sua divisão

entre as doze tribos. Um único caso de desobediência, à revelia do líder, recebe a devida punição, de modo a cortar o mal pela raiz (Js 7). A obra conclui-se com Josué fazendo uma prestação de contas de sua atuação, “já velho e avançado em idade”, chamando a atenção para a fidelidade de YHWH que cumulou de bênçãos seu povo fiel, cumprindo inteiramente a palavra dada. O povo, por sua vez, reunido numa grande assembleia, nos passos de Josué, assume o compromisso de se colocar a serviço de seu Deus. Enquanto o líder declara: “Quanto a mim e à minha casa, serviremos YHWH”, o povo replica: “Nós também serviremos YHWH, pois ele é nosso Deus” (Js 24,15.18).

Esta obra tem o escopo de oferecer chaves hermenêuticas para a leitura do Livro de Josué. O conteúdo divide-se em três grandes partes. A primeira, “Introdução geral”, explica como surgiu o povo de Israel, na Palestina, no final do segundo milênio a.C., sublinhando que os dados da arqueologia não correspondem ao narrado no texto bíblico (*capítulo 1*). O descompasso entre a arqueologia e a Bíblia se deve ao fato de as narrativas bíblicas terem como intuito contar a história de YHWH com o seu povo, servindo-se dos expedientes próprios do gênero literário narração, com as devidas adaptações para textos de caráter teológico (*capítulo 2*). Por outro lado, para se adentrar no mundo do Livro de Josué, torna-se imperioso dispor de uma série de informações referentes à sua autoria, datação, estruturas, eixos teológicos, bem como de chaves de leituras apropriadas a essa obra específica (*capítulo 3*).

A segunda parte, “Questões teológicas”, trabalha cinco tópicos importantes que perpassam o Livro de Josué, num movimento de interseção. Dentre eles, a imagem de Deus, apresentado como Deus guerreiro, às vezes, violento e impiedoso, a exigir o aniquilamento de todos os adversários, a lei do hêrem (*capítulo 4*). Outro tema transversal, presente na obra, do começo ao fim,

diz respeito a terra, dom gracioso de YHWH a seu povo, cuja posse depende da obediência ao seu Deus (*capítulo 5*). Uma leitura atenta do Livro de Josué detecta o uso simultâneo das expressões “tribo de Israel” e “povo de Israel”. Torna-se útil conhecer o pano de fundo teológico de cada uma (*capítulo 6*). A Teologia da Retribuição, decorrente da Teologia da Aliança, faz-se presente em toda a Historiografia Deuteronomista, mais largamente, em toda a Bíblia. O tempo de Josué, marcado pela fidelidade a YHWH, corresponde a um período de sucessivas vitórias, pois Deus luta em favor de seu povo fiel. O líder Josué foi exemplar na obediência a seu Deus e, deixando-se orientar por ele, todas as tribos de Israel (*capítulo 7*).

A terceira parte, “Exegese de textos”, detém-se no estudo de três blocos narrativos do Livro de Josué, correspondentes a Js 2,1-24; 6,17.22-25, o episódio em torno de Raab (*capítulo 8*); Js 5,13-6,27, os fatos ligados à tomada de Jericó e a consequente destruição de suas muralhas (*capítulo 9*); Js 23-24, o testamento de Josué, ao concluir sua missão, bem como o pacto de fidelidade a YHWH, celebrado “por todas as tribos de Israel, reunidas em Siquém” (*capítulo 10*).¹

Aqui está o resultado do trabalho conjunto do Grupo de Pesquisa “A Bíblia em leitura cristã”, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), do Grupo de pesquisa “Bíblia e interpretação: linguagens da Escritura”, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em Belo Horizonte, com a colaboração de professores e pesquisadores de outros centros

¹ As obras utilizadas nas pesquisas serão elencadas, em conjunto, no final do livro, com o índice remissivo, e não no final de cada capítulo. Por se tratar de um livro que aborda a mesma temática (o estudo do Livro de Josué), ao longo de seus capítulos, evitar-se-á a repetição de uma mesma obra, utilizada por diferentes autores(as). As transliterações de palavras do hebraico para os caracteres latinos seguirão as normas internacionais de transliteração.

de pesquisas teológicas e bíblicas, como o Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto-SP (CEARP), em Brodowski-SP, a Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN), em Mossoró-RN, o Seminário Provincial Sagrado Coração de Jesus, em Diamantina-MG, o Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), em Belo Horizonte-MG, a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife-PE, e a Universidade Católica de Salvador (UCSAL), em Salvador-BA.

O estudo do Livro de Josué, com as pistas oferecidas por esta obra, proporcionará aos interessados um mergulho no mundo do texto bíblico, com diferentes ferramentas, correspondentes aos variados métodos com os quais essa porção da teologia narrativa deuteronomista foi abordada. O conjunto da Bíblia, Antigo Testamento e Novo Testamento, caracteriza-se como a grande história de Deus com a humanidade, ao longo de milênios. Tal compreensão prévia cria no coração dos leitores a atitude correta no trato com o texto sagrado da nossa fé. As histórias bíblicas constituem-se num rico manancial de sabedoria a ser descoberta “por trás das palavras”, com tudo o que têm de humano, de histórico, de literário, de religioso e de cultural. Nas páginas deste livro, encontra-se uma quantidade considerável de informações valiosas para a leitura adequada das histórias bíblicas.

PARTE I

INTRODUÇÃO GERAL

Capítulo 1

O PROBLEMA DAS ORIGENS DE ISRAEL E O LIVRO DE JOSUÉ

Airton José da Silva¹

Um dos grandes desafios da história de Israel é explicar como esse povo surgiu na Palestina no final do II milênio a.C. O relato mais detalhado que existe é a narrativa bíblica. Mas essa ajuda pouco, pois enfatiza os poderosos atos divinos que liberta o povo do Egito, o conduz pelo deserto e lhe dá a terra. Informa, deste modo, sobre a visão e os objetivos teológicos de narradores de séculos depois, ocultando, entretanto, as circunstâncias econômicas, sociais e políticas em que se deu o surgimento de Israel.

Por isso, neste capítulo propõe-se:

- abordar resumidamente as principais teorias até hoje oferecidas para explicar as origens de Israel, indicando seus méritos e limites;

¹ Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Professor de Bíblia Hebraica / Antigo Testamento na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto (CEARP), desde 1979. *Home page:* <<https://airtonjo.com/site1/>>.

- descrever a crise do final da Idade do Bronze e o fenômeno dos “povos do mar”, acontecimentos contemporâneos ao surgimento de Israel;
- fornecer um panorama da situação sociopolítica da Palestina na época do surgimento de Israel;
- observar a formação dessa nova sociedade baseada na relação de parentesco;
- para, enfim, serem apresentados dois cenários possíveis para a redação do Livro de Josué.

1. QUATRO PROPOSTAS PARA EXPLICAR AS ORIGENS DE ISRAEL

Há muitas propostas para explicar as origens de Israel, mas pode-se organizar as principais teorias em quatro grupos: a teoria da conquista, a da infiltração pacífica, a da revolta e a da evolução pacífica e gradual.

1.1 A teoria da conquista

Até os anos 80 do século XX, quando alguém queria saber como Israel tomara posse da terra de Canaã, lá no distante século XII a.C., lia o relato do Livro de Josué: a conquista da Terra Prometida.

Para compreender melhor e aprofundar as circunstâncias dessa conquista, o(a) interessado(a) leitor(a) consultava uma respeitada história de Israel, como, por exemplo, a do norte-americano John Bright,² naquela época muito difundida entre os pesquisadores.

Mas foi John Bright quem desenvolveu sozinho essa teoria? Não. Foi William Foxwell Albright e seus discípulos, entre eles

² BRIGHT, J. *História de Israel*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 139-181.

George Ernest Wright e John Bright. Essa escola norte-americana de arqueologia fez grandes descobertas na Palestina, mas usava a arqueologia para dar sustentação ao relato bíblico.

Isso é suficiente? Não. Embora a arqueologia mostre uma significativa destruição de cidades da região nessa época, não há nenhuma evidência de que foi Israel quem fez isso. Além do que, cidades como Jericó e Hai não poderiam ter sido conquistadas, pois já estavam destruídas naquela ocasião.

E há mais: o Livro de Josué tem alguns relatos com clara ênfase litúrgica muito mais do que militar; defende um impensável extermínio em massa das populações nativas e faz uso recorrente da etiologia – “e (tal está assim) até o dia de hoje” – para explicar certas situações. Isso só para citar alguns problemas.

1.2 A teoria da infiltração pacífica

Alternativas já haviam sido apresentadas ao longo do século XX. Como a proposta de uma instalação pacífica de Israel na terra de Canaã, teorizada pelos alemães Albrecht Alt³ e Martin Noth,⁴ segundo a qual as tribos foram ocupando os espaços vazios entre as cidades-estado cananeias, sem um conflito generalizado e organizado. Conflitos eventualmente aconteciam, mas apenas quando um clã invadia o território de uma cidade-estado. A teoria baseia-se na análise crítica dos textos bíblicos e interpreta à sua luz os dados arqueológicos, que assim a confirmam.

³ ALT, A. *Terra Prometida*: ensaios sobre a história do povo de Israel. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 19-110.

⁴ NOTH, M. *Historia de Israel*. Barcelona: Garriga, 1966, p. 63-89. Cf. também: SILVA, A. J. da. O Livro de Josué no século XX: Alt e Albright. Post publicado no *Observatório Bíblico* em 4 jun. 2021. Disponível em: <<https://airtonjo.com/blog1/2021/06/o-livro-de-josue-no-seculo-xx-alt-e-albright.html>>. Acesso em: 7 jun. 2021.

Essa proposta defende, por exemplo, uma entrada diferenciada das tribos israelitas na Palestina: êxodos diferentes para os vários grupos – dois pelo menos, um para o Sul e outro para o Norte. Martin Noth fala de ligas anfictionicas,⁵ uma união de seis ou doze tribos em torno de um santuário no qual habita a divindade e onde se renova a Aliança entre as tribos, como existia entre cidades gregas. E ele liga os hebreus aos habiru/'apiru, um termo que indica uma condição social de pessoas marginalizadas que circulavam pelo Antigo Oriente Médio.

Isso é suficiente? Mais uma vez, não. Entre outras coisas, o modelo grego da anfictionia não pode ser comprovado no Israel primitivo, além do que a identificação de hebreu com habiru/'apiru é problemática.

1.3 A teoria da revolta

Nos anos 60 e 70 do século XX, George Mendenhall e Norman K. Gottwald invertem o jogo ao propor que Israel surge de dentro de Canaã, como uma revolta camponesa contra a exploração das cidades-estado cananeias.

George Mendenhall, em 1962,⁶ explica que um movimento religioso criou uma solidariedade entre um grande grupo de unidades sociais preexistentes, tornando-as capazes de desafiar e vencer o mal estruturado complexo de cidades, que dominava a Palestina e a Síria no final da Idade do Bronze. Essa motivação religiosa, segundo ele, foi a fê javista que transcende a religião tribal, e que funciona como um poderoso mecanismo de coesão social, muito acima de fatores sociais e políticos. Por isso, a tradição da Aliança é tão importante na narrativa bíblica,

⁵ NOTH, 1966, p. 91-110.

⁶ MENDENHALL, G. The Hebrew Conquest of Palestine. *The Biblical Archaeologist*, Chicago, v. 25, p. 66-87, 1962.

pois é o símbolo formal por meio do qual a solidariedade era tornada funcional.

A proposta de George Mendenhall, entretanto, não consegue explicar como apenas o javismo, e nenhuma outra esfera da vida daquele povo, poderia ser a causa da unidade solidária que fez surgir Israel.

Já Norman K. Gottwald, em 1979,⁷ desenvolvendo muito mais detalhadamente a ideia de uma revolta camponesa, explica as origens de Israel como resultado de uma revolução social consciente que, unindo agricultores e pastores, levou parte da população de Canaã a um processo de retribalização, estruturada como uma forma antiestatal de organização social com liderança descentralizada.

A proposta de Norman K. Gottwald, publicada em livro de quase mil páginas, suscitou uma grande polêmica e polarizou as atenções dos especialistas durante muito tempo. E foi assim que o modelo da retribalização ou da revolta camponesa passou a ser citado como uma alternativa bem mais interessante do que os modelos anteriores, além de fazer surgir outras tentativas de explicação das origens de Israel.

Mas Norman K. Gottwald foi também muito criticado, pois fez um uso eclético de teorias e autores, de uma maneira que dificilmente qualquer um deles aprovaria. Um dos problemas do ecletismo de Gottwald, por exemplo, é que, embora se reporte, às vezes, à tradição do conflito na ótica marxista, fez uma leitura do Israel pré-monárquico segundo a tradição durkheimiana, ao adotar um enfoque funcionalista na análise da sociedade israelita. Essas questões metodológicas, somadas à falta de fundamentação

⁷ GOTTWALD, N. K. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto, 1250-1050 a.C.* 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

arqueológica, tornaram a proposta de uma revolta camponesa bastante problemática.

1.4 A teoria da evolução pacífica e gradual

Assim, é preciso olhar alguns autores que procuraram avançar a partir e além de Mendenhall e Gottwald.

Descobertas arqueológicas, a partir dos anos 80 do século XX, encorajaram os pesquisadores na elaboração de novas maneiras de compreender as origens de Israel. As escavações de várias localidades da Palestina deixaram os arqueólogos impressionados com a continuidade existente entre as cidades cananeias das planícies e os povoados israelitas da região montanhosa.

O crescente consenso entre os arqueólogos é de que a distinção entre cananeus e israelitas, no primeiro período do assentamento na terra, é cada vez mais difícil de ser estabelecida, pois esses parecem constituir um só povo. As diferenças entre os dois surgem somente mais tarde.

Por isso, os arqueólogos começaram a falar, cada vez mais, da formação de Israel como um processo pacífico e gradual, a partir da transformação de parte da sociedade cananeia. De alguma maneira, cananeus gradualmente se tornaram israelitas, acompanhando transformações políticas e sociais no começo da Idade do Ferro.

Os defensores desse ponto de vista costumam considerar vários fatores, como o colapso das civilizações do mundo mediterrâneo no Bronze Recente (ca. 1550-1150 a.C.), a deterioração da vida urbana causada pelas campanhas militares egípcias na Palestina, a crescente tributação dos camponeses por parte das cidades-estado e severas mudanças climáticas que atingiram a região.

Mas o processo de evolução pacífica do qual surgiu Israel é descrito de maneira diferente pelos especialistas. Pode-se,

didaticamente, classificar as teorias em quatro categorias: retirada pacífica, nomadismo interno, transição ou transformação pacífica e amálgama pacífico.

Essa proposta de uma evolução pacífica e gradual, em suas várias ramificações, é considerada a mais promissora de todas elas, sendo a mais debatida atualmente pelos especialistas.⁸

Existe hoje um consenso entre os estudiosos de que a arqueologia é fundamental para definir o modo como Israel surgiu na região da Palestina, claro, complementada pelos recursos oferecidos pelas ciências sociais e pela análise minuciosa dos textos bíblicos.

Entretanto, é bem possível que não se possa usar um só modelo para explicar a ocupação de todo o território de Canaã por Israel, já que o processo de instalação pode ter sido diferenciado conforme as regiões e as circunstâncias. Parece razoável considerar que, em cada região, tenha havido um processo social específico que deva ser explicado.

De qualquer modo, existe uma certeza: ainda surgirão muitos modelos explicativos para as origens de Israel e é possível que uma solução definitiva esteja bem distante.

2. A CRISE DA IDADE DO BRONZE RECENTE E O FENÔMENO DOS “POVOS DO MAR”

E, de repente, estamos no ano de 1177 a.C. No Egito, o faraó Ramsés III estava em seu oitavo ano de governo. E foi então que eles chegaram. Chegaram por terra, chegaram por mar. Grupos de origem e culturas diferentes, não havendo uma vestimenta padrão.

⁸ GNUSE, R. K. *No Other Gods: Emergent Monotheism in Israel*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997, p. 32-61. Uma explicação mais detalhada dessas quatro categorias pode ser conferida em “História de Israel”. Disponível em: <<https://airtonjo.com/site1/historia-10.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2021.

Alguns usavam capacetes, outros turbantes. Túnicas longas ou saíotes curtos. Espadas, lanças, arcos e flechas. Chegaram em barcos, carroças, carros de boi e carros de combate. Às vezes, só guerreiros, às vezes, famílias inteiras. Embora 1177 a.C. seja uma data aqui usada como referência, chegaram em ondas ao longo de vários e vários anos.

Desde o século XIX, são chamados de “povos do mar”. Nome cunhado por Emmanuel de Rougé e popularizado por Gaston Maspero, ambos egiptólogos franceses. Os egípcios, os hititas e a cidade de Ugarit os chamaram, em seus textos, pelos estranhos nomes de Lukka, Sherden/Shardana, Eqwesh, Teresh, Shekelesh, Karkisha, Weshesh, Denyen/Danuna, Tjekker/Sikila, Peleset.

O registro mais famoso, com texto em hieróglifos e detalhadas imagens, é o de Ramsés III nas paredes do templo funerário de Medinet Habu, onde se narra a batalha vitoriosa do faraó ao impedir a invasão do Egito pelos “povos do mar”.

Ele diz:

Os países estrangeiros fizeram uma conspiração em suas ilhas. De uma só vez, as terras foram eliminadas e as pessoas dispersas no conflito. Nenhum país foi capaz de resistir às suas armas, desde Hatti, Qode, Karkemish, Arzawa e Alashiya e outros, eles foram [eliminados] imediatamente. Um acampamento foi montado em uma localidade de Amurru. Humilharam seu povo, e sua terra nunca tinha enfrentado uma situação como essa. Eles se moveram em direção ao Egito e uma barreira de fogo foi colocada diante deles. Sua confederação era formada pelos Peleset, Tjekker, Shekelesh, Danuna e Weshesh, terras que se uniram. Eles puseram suas mãos sobre estas terras, com corações confiantes e esperançosos: “Nossos planos terão sucesso”.

E continua o faraó:

Eles alcançaram a fronteira de minhas terras, mas sua semente não existe mais, e seus corações e almas terminaram para sempre e definitivamente. Aqueles que avançaram juntos no mar tinham uma grande chama diante deles na foz do rio, e toda uma barreira de lanças os cercava na praia. Eles foram arrastados para a praia, cercados e vencidos, mortos e despedaçados da cabeça aos pés. Os navios afundaram e as mercadorias caíram na água.⁹

De onde vêm os “povos do mar”? Talvez da Sicília, da Sardenha, da Grécia e de outros lugares do mundo mediterrâneo. De fato, os Shekelesh lembram a Sicília, os Shardana podem ser da Sardenha, enquanto os Danuna poderiam ser, segundo alguns, os Dânaos da *Iliada* de Homero. Alguns deles podem ser originários da Ásia Menor, outros talvez de Chipre. Contudo, até hoje, nenhuma localidade antiga pôde ser apontada, com segurança, como sua origem ou ponto de partida. Apenas um grupo foi identificado com mais precisão: os Peleset são os filisteus, que, segundo a Bíblia Hebraica, vieram de Caftor, possivelmente a ilha de Creta. Um estudo moderno reforça esta ideia. Em 2019, foi divulgado que uma equipe de pesquisadores extraiu DNA de amostras antigas de ossos humanos encontrados durante escavações feitas em Ascalon, na costa palestina.

Com a análise dos dados genômicos de pessoas que ali viveram durante as Idades do Bronze Recente e do Ferro (cerca de 1550 a 900 a.C.), foi constatado que uma proporção substancial de seus ancestrais era derivada de uma população europeia. Essa

⁹ PRITCHARD, J. B. (ed.) *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament (ANET)*. 3. ed. with Supplement. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1969, p. 262-263.

ancestralidade derivada da Europa foi introduzida em Ascalon na época da chegada estimada dos filisteus no século XII a.C.¹⁰

De acordo com as inscrições de Ramsés III, como visto antes, nenhum país foi capaz de se opor à pressão dos “povos do mar”. As grandes potências da época realmente caíram uma a uma: Hatti e Ugarit desapareceram, Babilônia e Assíria encolheram, o Egito saiu enfraquecido.

Mas teria sido apenas a chegada dos “povos do mar” a provocar este colapso? Provavelmente, não. Além dos “povos do mar”, há outros fatores possíveis, mas nenhum parece ter sido capaz de provocar tal catástrofe sozinho.¹¹

Essa grande crise socioeconômica da Idade do Bronze Recente durou cerca de três séculos, de 1500 a 1200 a.C., assim como também cerca de três séculos vai durar a construção de uma nova ordem, de 1200 a 900 a.C. Mas o momento mais agudo da crise foi na segunda metade do século XII (1200-1150 a.C.).

Mario Liverani,¹² assim como muitos outros pesquisadores, tenta explicar a catástrofe como resultado de uma conjunção de fatores dramáticos. Isso pode ser verificado, por exemplo, com a severa crise climática na região do Saara, fazendo com que tribos líbias entrassem no vale do rio Nilo à procura de pastagens e água, aí pelo fim do século XIII e início do século XII a.C. Os faraós Merneptah e Ramsés III se vangloriam de tê-las combatido,

¹⁰ SILVA, A. J. da. DNA indica origem europeia dos filisteus. Post publicado no *Observatório Bíblico*, em 6 jul. 2019. Disponível em: <<https://airtonjo.com/blog1/2019/07/dna-indica-origem-europeia-dos-filisteus.html>>. Acesso em: 7 jun. 2021.

¹¹ CLINE, E. H. *1177 B.C.: The Year Civilization Collapsed*. Revised and Updated Edition. Princeton: Princeton University Press, 2021; KILLEBREW, A. E.; LEHMANN, G. (eds.). *The Philistines and Other “Sea Peoples” in Text and Archaeology*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013.

¹² LIVERANI, M. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Loyola/ Paulus, 2008, p. 59-80.

mas parece que tiveram que se adaptar à nova realidade. Também na Ásia Menor houve uma sequência de anos muito secos, no final do século XIII, com chuvas escassas, provocando uma grave carestia, como atestam textos hititas, ugaríticos, egípcios e a moderna dendrocronologia.¹³ A tudo isso se somou a pressão dos “povos do mar”, o fenômeno mais impressionante desta época.

Deste modo, Ugarit, Alashiya (Chipre) e toda uma série de reinos e cidades do mar Egeu, Ásia Menor, Síria e Palestina foram destruídos. Ruiu todo o sistema político do Bronze Recente. Minoicas, micênicas, hititas, egípcias, babilônias, assírias, cananeias e cipriotas eram civilizações independentes umas das outras, mas interligadas por rotas de comércio que geravam prosperidade.

3. O CAOS DA PALESTINA NA ÉPOCA DO SURGIMENTO DE ISRAEL

O quadro político da Palestina mudou muito com a queda do sistema regional estruturado pelos reinos de Hatti, Egito, Assíria e Babilônia. Depois de séculos, a Palestina se viu livre do controle externo que lhe havia sido imposto pelo Egito, a partir do faraó Tutmósis III (1479-1425 a.C.). O sistema de cidades-estado administradas por pequenos reis locais, submissos ao Egito, foi destruído e, com ele, desabaram as estruturas administrativas, artesanais e comerciais da região. Quase todos os sítios arqueológicos, até hoje pesquisados, testemunham algum grau de destruição no início do século XII a.C.

Um dos sinais da instabilidade que tomou conta da região na Idade do Bronze Recente são as menções, nos documentos da época, de fugitivos e marginalizados, uma preocupação para o

¹³ A dendrocronologia é uma técnica de datação de uma árvore que se baseia nos padrões dos anéis em seu tronco.

Egito e para outras regiões, inclusive a Síria e a Palestina. Esses grupos raramente aparecem antes de 1500 a.C., mas se tornaram um fenômeno frequente e parecem ser um fator importante na formação das primeiras sociedades da Idade do Ferro.

Muito lembrado pelos pesquisadores é o caso dos habiru/‘apiru, citados, entre outros documentos, nas cartas de Tell el-Amarna. Essas cartas foram escritas por governantes das cidades cananeias – e de outros países – à corte egípcia de Amenófis III e de seu filho Amenófis IV, no século XIV a.C. São 382 cartas, descobertas no Egito, a partir de 1887, sendo as da Palestina escritas em acádico babilônico médio.

Nos conflitos entre as cidades cananeias, seus governantes se acusaram da ajuda feita pelo inimigo aos habiru/‘apiru, que estariam provocando revoltas e atacando cidades em Canaã. Parece que os habiru/‘apiru levantavam-se contra seus opressores cananeus e se libertavam de seu controle. Nas cartas, os governantes cananeus pedem a assistência do faraó para conter as revoltas.¹⁴

Paralelamente à decadência da antiga ordem da Idade do Bronze Recente, grupos etnicamente definidos começaram a aparecer em textos contemporâneos e posteriores. Trata-se de grupos pertencentes aos “povos do mar”, com destaque para os filisteus, mas também de povos que se vão consolidando durante a Idade do Ferro, como os fenícios, israelitas, arameus, moabitas, amonitas, edomitas e outros.

Contudo, o importante é o quadro de conjunto: o tipo de reino baseado na centralidade do palácio foi destruído, ficando somente uns poucos núcleos urbanos intocados pela crise. Com a redução do tamanho do núcleo palaciano, cidades sobreviventes viraram

¹⁴ KAEFER, J. A. *As cartas de Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel*. São Paulo: Paulus, 2020; RAINEY, A. F. *The El-Amarna correspondence: A new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets*. Leiden: Brill, 2015.

povoados. Quando se tira de uma cidade da Idade do Bronze Recente o palácio real, as habitações dos altos funcionários e da aristocracia militar, as oficinas dos artesãos, os arquivos e as escolas, o que sobra é apenas um povoado, nada mais.

Em síntese, o colapso do sistema de palácios, agente básico e exclusivo do comércio de longa distância, gerou uma grave crise nos contatos inter-regionais, exigindo sua readequação.

Ao se falar em comércio, dois dados precisam ser considerados: primeiro, desapareceram os protagonistas do comércio, tais como reis, escribas, embaixadores, agentes comerciais dos palácios; segundo, a ordem jurídica e política do comércio foi destruída, não existindo mais garantias jurídicas, tratados e alianças, proteção militar, indenizações econômicas, cartas de crédito e estradas seguras.

Até mesmo os canais de comunicação foram afetados, pois as cartas em hitita, ugarítico e acádico, por exemplo, que eram empregadas pelos contatos internacionais da Mesopotâmia, Ásia Menor, Síria, Palestina, Egito e Chipre, não puderam mais ser escritas, já que as escolas de escribas, que eram parte da administração das cidades-estado, foram eliminadas com a destruição dos palácios.¹⁵

4. UMA SOCIEDADE BASEADA NA SOLIDARIEDADE DO PARENTESCO

À destruição do sistema palaciano, segue-se um processo de sedentarização de tribos pastoris, documentado nos novos

¹⁵ LIVERANI, M. The Collapse of the Near Eastern Regional System at the End of the Bronze Age: The Case of Syria. In: ROWLANDS M.; LARSEN, M.; KRISTIANSEN, K. (eds.). *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 66-73.

assentamentos da Idade do Ferro I (1150-900 a.C.). Nos povoados consolidam-se grupos de parentesco estáveis, formando unidades territoriais, denominados clã. Grupos vizinhos se unem, formando o que, convencionalmente, é chamado de tribo. Matrimônios cruzados, necessidades de defesa, relações de trabalho, relações de hospitalidade, por exemplo, fortalecem esses laços.

Liverani observa que todas as relações sociais são apresentadas segundo o modelo genealógico: “o nome da vila é (ou pelo menos é assim interpretado) o do chefe de que todos os habitantes descendem por ramos familiares. E todos os epônimos das vilas serão considerados os filhos ou talvez os netos do epônimo tribal”.¹⁶ Epônimo é o fundador real ou mítico de uma família, clã, tribo, dinastia ou cidade, os quais recebem o seu nome. Porém, esse é um modelo artificial, pois as vilas e as famílias são aparentadas não porque têm um único antepassado comum, mas porque se tornaram parentes por meio de matrimônios cruzados.

Assim, podemos entender que, pouco a pouco, assentamentos agrupados por esse sistema de parentesco tomam uma dimensão tal que se podem apresentar como alternativa ao sistema político palaciano. Esse é um fenômeno documentado também na Síria, não é exclusivo da Palestina. Portanto, a crise levou a uma nova ordem baseada na solidariedade de parentesco.

Outro dado a ressaltar são as inovações tecnológicas de grande impacto, nessa época, tais como:

- a fabricação de ferramentas e armas de ferro, material mais resistente e mais fácil de ser obtido do que o bronze;
- a substituição do cuneiforme pelo alfabeto, tornando a escrita mais acessível a um grupo maior de usuários;

¹⁶ LIVERANI, 2008, p. 70.

- a domesticação do camelo e do dromedário e seu uso como animal de carga, ampliando o comércio;
- a utilização do cavalo como montaria, o que muda as táticas de guerra;
- o aprimoramento da navegação em alto-mar;
- a construção de terraços que evitam a erosão dos terrenos, tornando possível a agricultura em região montanhosa, e
- a construção de cisternas impermeabilizadas, onde a água é recolhida e guardada.

Essas inovações não aconteceram de uma hora para outra, nem ao mesmo tempo. Algumas são lentas, como o uso do ferro e do alfabeto, outras são recorrentes, como os terraços e as cisternas. Mas, no seu conjunto, caracterizaram o que hoje se chama Idade do Ferro.

O resultado é o crescimento do número de assentamentos na região montanhosa, que saltam de 29 sítios na Idade do Bronze Recente para 254 na Idade do Ferro I, na Cisjordânia, e de 32 para 218, na Transjordânia.¹⁷

5. DOIS CENÁRIOS POSSÍVEIS PARA O LIVRO DE JOSUÉ

Com os dados até agora apresentados, podem-se descrever dois possíveis cenários para a leitura do Livro de Josué.

5.1 Na época de Josias

Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, no livro *A Bíblia desenterrada*, se alinham com os estudiosos que situam a Obra Histórica Deuteronomista (OHDtr) no tempo do rei Josias (640-609

¹⁷ LIVERANI, 2008, p. 81-82.

a.C.). Uma obra produzida para dar suporte teológico a ambições políticas e reformas religiosas específicas. Portanto, quando se lê Livro de Josué, está-se olhando, segundo os autores, para os problemas da época de Josias.¹⁸

No capítulo sobre a conquista de Canaã, a questão básica colocada por eles é: seria história ou mito? Para responder a isto, Finkelstein e Silberman, após resumirem a saga bíblica da conquista narrada no Livro de Josué, dizem que as cartas de Tell el-Amarna, do século XIV a.C., mostram uma Canaã bem diferente daquela de Josué, ou seja, como uma província egípcia, governada por fracos chefes locais. Realidade que a arqueologia confirma, ao escavar cidades pequenas e fracas, algumas abandonadas ou diminuídas em população e povoados sem muralhas.

E o que aconteceu no século XIII a.C.? Não temos dados como os das cartas de Tell el-Amarna. Mas, sabe-se que o forte governo de Ramsés II estava presente em Canaã, como se pode ver na fortaleza egípcia de Bet-Shean e em Meguido. Daí, os autores deduzem que os egípcios em Canaã não ficariam indiferentes a uma destruição tal como a pretendida pelo Livro de Josué.

Finkelstein e Silberman alertam que, para se compreender Canaã, é preciso olhar o mundo mediterrâneo como um todo, no século XIII a.C. E aí apontam transformações dramáticas, como as do grandioso Egito de Ramsés II, que se enfrenta com o império de Hatti, na batalha de Cades, levando ao tratado egípcio-hitita, do mundo de Micenas e de Chipre.

¹⁸ FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018; SILVA, A. J. da. O contexto da Obra Histórica Deuteronomista. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 88, p. 11-27, 2005. Disponível em: <<https://airtonjo.com/site1/deuteronomista.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2021.

E, então, aconteceu o grande “terremoto” da migração dos “povos do mar”, que arrasou o Hatti, Ugarit e Chipre, bem como sua tentativa de invasão do Egito na época de Ramsés III. Foi constatada a presença dos filisteus, um dos “povos do mar”, em Ashdod e Ekron. E é documentada a destruição de outras cidades cananeias como Hasor, Afek, Laquis e Meguido, destruição lenta e gradual, ao longo de um século ou mais, talvez provocada por uma convergência de fatores, como invasões, conflitos regionais e revoltas internas. Enfim, o que se conclui é que não pode ter sido Josué o destruidor dessas cidades.

O Livro de Josué pode trazer, sim, memórias populares e lendas sobre esta época de profundas transformações, mas, o que deve ter sido uma destruição caótica provocada por diferentes fatores e grupos diversos, ficou na tradição como uma poderosa saga de uma brilhante conquista territorial comandada pelas bênçãos divinas.

Constata-se que a lista de cidades indicadas em Js 15,21-62 corresponde às fronteiras do reino de Judá na época de Josias. E algumas localidades estiveram habitadas somente nas décadas finais do século VII a.C. Assim, o que a OHDtr narra das batalhas de Josué cabe melhor na época de Josias, como o caso de Jericó, Hai (na região de Betel), o caso dos gabaonitas, a conquista da Sefelá e a conquista do Norte, especialmente Hasor. Assim, os autores concluem que as conquistas de Josué são uma “máscara” para as conquistas de Josias, sendo o paralelismo entre os dois personagens muito fortes.¹⁹

¹⁹ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018., p. 81-104; SILVA, A. J. da. Resenha de FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts*. New York: The Free Press, 2001. Disponível em: <<https://airtonjo.com/site1/resenha-6.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2021.

No capítulo sobre a identidade dos israelitas,²⁰ os autores perguntam: quem é este Israel que reivindica uma identidade nacional desde tempos antigos? Ora, a arqueologia nos revela que esse povo que vivia nos povoados da região era habitante nativo de Canaã, que gradualmente desenvolveu uma identidade étnica que poderia ser chamada de israelita.

Dizem Finkelstein e Silberman que os arqueólogos, até os anos 60 do século XX, procuravam Israel nos lugares errados, nos grandes sítios das maiores cidades cananeias, porque acreditavam nos dados descritos no Livro de Josué. Entretanto, lembram que, desde os anos 40, os arqueólogos já reconheciam a necessidade da pesquisa de uma região e não apenas de uma localidade.

Então, a partir de 1967, os territórios das tribos de Judá, Benjamim, Efraim e Manassés foram intensivamente pesquisados, revolucionando o estudo do antigo Israel, pois uma densa rede de povoados montanheseis foi descoberta: cerca de 250 comunidades habitando as colinas apareceram, indicando onde estavam os primeiros israelitas.

O estudo arqueológico da evolução dos povoados demonstra que uma grande parte dos primeiros israelitas veio do ambiente pastoril. Pastores nômades, mas que estavam passando por profundas transformações, foram tornando-se, gradualmente, agricultores.

Outra coisa interessante que a arqueologia mostra é que essa transformação no século XII a.C. não foi nem a primeira nem a única, já que duas outras ondas de ocupação da região montanhosa de Canaã ocorreram antes.

A primeira onda foi na Idade do Bronze Antigo, por volta de 3500 a.C., a segunda ocorreu na Idade do Bronze Médio, por volta de 2000 a.C., e a terceira onda, a dos assentamentos

²⁰ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, p. 105-130.

israelitas, ocorreu por volta de 1200 a.C., com uma população de aproximadamente 45 mil habitantes, em cerca de 250 localidades.

Agora, uma questão interessante é colocada pelos autores: existe algum padrão nessas três ocupações? Existe, sim, respondem. A parte norte da região montanhosa sempre foi mais populosa do que a parte sul; cada onda de crescimento demográfico parece ter começado no leste e se expandido para o oeste; as três ondas possuem uma cultura material comum (na cerâmica, na arquitetura e na estrutura dos povoados), resultado provável de condições ambientais e econômicas semelhantes.

Todavia, a arqueologia revelou, ao escavar ossos de animais, que nos períodos entre essas ondas de ocupação não acontecia um abandono da região, mas uma mudança de atividade, da agricultura e criação de gado para o pastoreio. Esse, aliás, parece ter sido, ao longo dos séculos, um comportamento típico das populações da região. Em períodos de intenso povoamento, há maior dedicação à agricultura, enquanto, nos períodos de crise, as pessoas praticam mais o pastoreio, o que lhes dá maior mobilidade.

Isso tem importância para a identificação dos primeiros israelitas. O que se observa é que agricultores e pastores nômades sempre tiveram uma relação de interdependência nas sociedades do Antigo Oriente Médio, complementando-se na troca de seus produtos. Entretanto, essa troca não é inteiramente equilibrada, pois os habitantes dos povoados podem sobreviver apenas com seus próprios produtos, o mesmo não acontece com os pastores nômades, que precisam de grãos para complementar sua dieta, totalmente dependente do rebanho. Assim, quando não há povoados com os quais comercializar, são obrigados a produzir, eles mesmos, seus grãos. Aparentemente, foi isso que aconteceu no século XII a.C., quando teria ocorrido a ausência do controle egípcio sobre Canaã e a economia da região entrou em colapso.

Os autores concluem que a emergência de Israel foi uma consequência do colapso da cultura cananeia e não a sua causa. Israel não surge na região após um espetacular êxodo do Egito, nem faz uma violenta conquista de Canaã. Israel surge de dentro de Canaã. O Israel primitivo era formado, em sua maior parte, por populações locais. Israel é um Canaã transformado!

5.2 Na época persa

Liverani, em *Para além da Bíblia*, faz uma demolição radical da conquista narrada no Livro de Josué. Ele trata do tema no capítulo 14 de seu livro, que tem por título *Sobreviventes e estranhos: a invenção da conquista*.²¹

Ao falar do regresso do exílio na época persa, a partir de 538 a.C., Liverani explica que as tradições patriarcais podiam ser invocadas pelos que regressavam como prefigurações de uma primeira presença no país e, também, pelos que permaneceram na terra como modelo de convivência entre grupos diversos e complementares. Assim, as tradições patriarcais fornecem, segundo ele, um modelo “fraco” de regresso do exílio, com pequenos grupos que ocupam espaços na terra de Yehud, sem maiores conflitos com as populações locais.

Mas esse não é o único modelo. A narrativa da conquista, como aparece no Livro de Josué, fornece um modelo forte de regresso do exílio, permitindo a eliminação das populações estranhas no território de Yehud. Esse modelo, defendido por

²¹ LIVERANI, 2008, p. 331-355. Cf. também PRADO, J. L. Gonzaga do. A invasão/ ocupação da terra em Josué: duas leituras diferentes. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 88, p. 28-36, 2005; DOZEMAN, T. B. The Book of Joshua in Recent Research. *Currents in Biblical Research*, Los Angeles, v. 15, n. 3, p. 270-288, 2017. Um resumo deste último artigo está disponível em: <<https://airtonjo.com/blog1/2021/01/o-livro-de-josue-na-pesquisa-recente.html>>. Acesso em: 7 jun. 2021.

grupos de linha dura, propagandeava um fechamento em relação aos povos estranhos.

Mas como ter-se-ia dado o regresso do exílio? Possivelmente, nem fraco nem forte apenas. De modo algum unitário, mas complexo e lento. Os grupos que voltam do exílio têm motivações e interesses diversos. Voltam aos poucos. É preciso pensar em um regresso escalonado no tempo. Um evento militar, no estilo do Livro de Josué, que teria varrido o território, está fora de questão.

Donde se conclui, diz Liverani,²² que a narrativa do Livro de Josué não serve para construir uma mítica conquista de Canaã nas origens de Israel, tampouco para reconstruir o regresso dos exilados da Babilônia.

Ele explica, em seguida, que um quadro dos assentamentos na Palestina, na época persa, especialmente no século V a.C., mostra uma faixa costeira mais densamente habitada e uma população bem ativa no comércio e na política local, em oposição a uma rala população na região montanhosa, a do assentamento judaico, o Yehud.

Estimativas arqueológicas sugerem uma pequena população judaíta na região montanhosa, com cerca de 12 mil pessoas, entre 550-450 a.C., e com cerca de 17 mil pessoas, entre 450-330 a.C.

Por que esse quadro? Claramente a administração persa investiu na zona costeira da Palestina e, especialmente, na Fenícia, mais estratégica, construindo fortalezas, centros administrativos, com urbanística planejada e instalações portuárias, deixando o interior montanhoso ir em frente com seus próprios recursos.

Segundo Liverani,²³ a terra para onde regressam os descendentes dos exilados estava ocupada por vários grupos, como os que, escapando das deportações, nunca saíram de suas terras,

²² LIVERANI, 2008, p. 333.

²³ LIVERANI, 2008, p. 336.

os deportados de outras proveniências, os assentados durante o período assírio, as populações limítrofes, que se deslocaram ou se expandiram para a terra. Com a história de uma antiga conquista que elimina os povos residentes, como a do Livro de Josué, tenta-se negar o direito desses vários grupos à terra.

Liverani trata também do que ele chama de “fórmula do êxodo”:

Outro elemento fundamental na legitimação arquetípica da posse da terra de Canaã, ao lado da teoria dos povos intrusos, é o da chegada de fora e da conquista armada, em cumprimento da promessa divina. As sagas sobre os “patriarcas” forneciam uma legitimação insuficiente, já que muito remota e localizada somente em alguns lugares-símbolo (os túmulos, as árvores sagradas). Um protótipo bem mais poderoso da conquista do país é posto em prática com a história do êxodo (šē’t, e outras formas de yāšā’ “sair”) do Egito, sob a guia de Moisés, e da conquista armada, sob a guia de Josué.²⁴

Ele explica que a saída (êxodo) não implica necessariamente deslocamento físico, mas a saída de uma dependência política. Textos da Idade do Bronze Recente, nas regiões da Síria e da Fenícia, por exemplo, indicam deslocamentos de soberania que não supõem deslocamento físico das populações envolvidas, mas sim o deslocamento da fronteira política.

A linguagem metafórica do êxodo, porém, fica mais dramática, e passa a significar uma situação concreta, quando os assírios operam as deportações cruzadas dos povos dominados no final do século VIII a.C., deslocando as populações de um território para outro dentro do império. Liverani calcula que essa prática

²⁴ LIVERANI, 2008, p. 339.

assíria de deportação cruzada teria envolvido, ao longo de três séculos, algo como 4 milhões e meio de pessoas no Antigo Oriente Médio.²⁵

A fórmula do êxodo (do tipo: “Eu vos fiz sair do Egito para vos fazer habitar nessa terra que vos dei”) vai ser ligada a outras fórmulas, como a transumância pastoril patriarcal entre o Sinai e o delta do Nilo e o trabalho forçado dos habiru/‘apiru nos empreendimentos dos raméssidas no Egito. Isso faz do êxodo uma história de fundação do povo e do novo êxodo uma saída da diáspora assíria e babilônica. Observe-se que o Israel das narrativas do êxodo reflete um povo formado, mostrando um quadro muito mais da volta do exílio babilônico do que das origens de Israel.

Ao falar da travessia do deserto, Liverani faz um paralelo entre a narrativa de Êxodo-Números e a volta dos descendentes dos exilados da Babilônia, concluindo que a narrativa do êxodo é apenas uma metáfora da difícil travessia da Babilônia para Yehud. Ao tratar das murmurações do povo contra Moisés e do relato dos exploradores da terra de Canaã, ele diz:

Em ambos os casos, o povo se pergunta se não terá sido um erro dar ouvidos a Moisés (= aos sacerdotes), abandonar o Egito (= Babilônia), para procurar uma terra mais dura e difícil, habitada por populações hostis e violentas. É claro que os dois motivos, da sedição e dos exploradores, refletem debates que devem ter acontecido entre quem propugnava o retorno e quem manifestava perplexidade ou sem dúvida preferia ficar numa terra de exílio que se mostrara habitável e próspera.²⁶

²⁵ LIVERANI, 2008, p. 193-194.

²⁶ LIVERANI, 2008, p. 344.

Ao partir do pressuposto de que a narrativa da conquista de Josué foi construída para servir de modelo para a reconquista do território por parte dos sobreviventes do exílio na época persa, a figura de Josué deve ser lida também como um modelo para os chefes que guiaram os sobreviventes da Babilônia para Yehud. Será coincidência chamar-se o líder sacerdotal dessa volta também Josué? (Esdras).

Ao falar da “guerra santa”, Liverani sugere que a narrativa das conquistas de Josué reúne três diferentes sagas, as conquistas do centro, sul e norte de Canaã, para passar a ideia de uma conquista total.²⁷ Os descendentes dos exilados eram, e não poderia ser diferente, apenas de Judá e de Benjamim, apenas duas das doze tribos. Mas, ao passar a ideia de uma conquista ampliada e total do território, os redatores defendem uma solução extremista na reconstrução do território de Yehud.

O maior testemunho disso é a ideia do hêrem, “anátema”, ou guerra santa de extermínio, defendida pelos redatores. Exterminada a população, suas cidades, casas e campos ficam à disposição dos recém-chegados. Liverani vê nisso o reflexo da realidade assíria de deportações cruzadas, aqui utilizada como modelo utópico na relação do povo eleito com os povos estranhos. Modelo nunca realizado por Israel nem em suas origens nem em seu regresso do exílio. Como já se viu, esse não era o único modelo existente. Assim, mais uma vez, o texto fornece muito mais informações sobre a ideologia de quem o formulou do que sobre possíveis acontecimentos históricos.²⁸

²⁷ LIVERANI, 2008, p. 347-350.

²⁸ LIVERANI, 2008, p. 350. Cf. também: DOZEMAN, T. B. *Joshua 1-12: A New Translation with Introduction and Commentary*. New Haven, CT: Yale University Press, 2015, p. 3-5. Um resumo pode ser lido em: <<https://airtonjo.com/blog1/2021/04/o-livro-de-josue-nao-e-um-relato-de-conquista.html>>. Acesso em: 7 jun. 2021.

CONCLUSÃO

A pesquisa atual sobre as origens de Israel tende a ver o surgimento desse povo como resultado de um processo interno ocorrido em Canaã a partir do final da Idade do Bronze Recente e começo da Idade do Ferro. Porém, o modo como isso teria acontecido continua a ser objeto de muita discussão e múltiplas hipóteses são propostas pelos especialistas. A arqueologia tem sido a mais eficaz ferramenta usada para enfrentar essa problemática.

O Livro de Josué, por outro lado, que antes tinha um papel decisivo na discussão sobre as origens de Israel, perdeu esse status no final do século XX. O debate mais recente sobre o livro coloca sua redação em algum momento entre o final da monarquia judaíta e o começo da época helenística, respondendo a problemas específicos de um ou outro desses contextos.

A autoria do livro vem passando de mãos desde o século XIX. De uma composição costurada com as mesmas fontes literárias do Pentateuco, o Livro de Josué passa a fazer parte de uma Obra Histórica Deuteronomista, escrita por um ou vários autores, terminando com uma origem independente, como propõem alguns pesquisadores atualmente.